

[ENSAIO][ENSAIO][ENSAIO]

# O etnógrafo da Belle Époque

Livro articula antropologia urbana, história e literatura na obra de João do Rio

**De olho na rua — A cidade de João do Rio**, de Julia O'Donnell. Jorge Zahar Editor, 204 páginas. R\$ 39,90

Paulo Thiago de Mello

As narrativas de João Paulo Barreto, o João do Rio, sobre a vida nas ruas do Rio de Janeiro da Belle Époque — quando a cidade amadurecia seu caráter cosmopolita — evidenciam uma sensibilidade etnográfica extraordinária. A partir dessa constatação a antropóloga Julia O'Donnell costurou um ensaio epistemológico que amarra antropologia urbana, história e literatura, usando as crônicas do popular escritor carioca como se fossem anotações de campo de um etnógrafo. Com isso, ela extrai material para uma análise da cidade, num momento em que o fenômeno urbano transformava o modo de vida e as relações sociais no início do século XX.

O ensaio, originalmente uma dissertação de mestrado defendida no Museu Nacional da UFRJ, estabelece um diálogo entre o autor de "A alma encantadora das ruas" e Robert Ezra Park, um dos fundadores da

chamada Escola Sociológica de Chicago, responsável por uma importante tradição de pesquisa de campo sobre a cidade.

Contemporâneo de João do Rio, Park desenvolveu com seus colegas da Universidade de Chicago uma metodologia etnográfica voltada para a vida cidadã. O grande laboratório desses

pesquisadores era a própria Chicago, um dos principais centros metropolitanos dos Estados Unidos, onde estava o maior entroncamento ferroviário do país, área de milhões de imigrantes e de problemas sociais, como pobreza, crime e racismo, que ganhavam nova expressão no espaço urbano.

Atento à vida nas ruas, Park desenvolveu o conceito de ecologia humana, afirmando que a cidade não é um mero aglomerado de bairros e ruas, fruto das intenções de arquitetos e planejadores urbanos, mas sim o resultado das trocas sociais entre

as pessoas que nela vivem, constituindo moralidades que se alternam sucessivamente conforme suas interações. Bairros que se transformam conforme o uso que se faz deles. São, portanto, o resultado do encontro de sonhos, desejos e visões de mundo de seus moradores.

João do Rio, por sua vez, expressa a mesma

agudez de análise, quando chama a atenção para a alma das ruas, comparando-as ao próprio homem. As ruas, diz ele, nascem, crescem, se transformam e morrem. Algumas dão para a alegria, outras para o medo. Traz em suas crônicas a idéia

do *flâneur*, que percorre as ruas atento. Flanar é antes de tudo, segundo João do Rio, "um perambular com inteligência".

Ao considerar o cronista como seu informante, Julia também faz uso de uma metodologia de análise histórica, recorrendo a documentos como tes-

temunho da "dimensão social do pensamento" do período.

Julia abre o livro traçando a conjuntura histórica da cidade de João do Rio. No segundo capítulo, se debruça sobre a rua "como protagonista da observação" do escritor e faz as aproximações com Park e a Escola de Chicago. Em seguida analisa as observações do cronista em relação ao comportamento humano nas ruas do Rio. E conclui com generalizações sobre uma idéia de carioquismo a partir das observações do escritor.

A afinidade entre João do Rio e Ezra Park talvez explique o prestígio que o método de pesquisa urbana de Chicago tenha alcançado no Brasil, ao passo que na França, por exemplo, só nos anos 70 os textos de Chicago foram traduzidos e abriram-se linhas sistemáticas de pesquisa.

No Rio, além do Museu Nacional, núcleos de pesquisa antropológica voltados exclusivamente para a cidade se multiplicam, como o Laboratório Metropolitano de Etnografia (LeMetro), do IFCS/UFRJ, o Núcleo de Pesquisas Fluminense (Nufep), da UFF, entre outros. ■

